

A criatividade a serviço do saber

Walmir Gomes

A escola é o espaço responsável pelo desenvolvimento do homem como sujeito de sua história, ela deve prepará-lo para uma socialização com o meio, no entanto essas transformações, infelizmente não vem acontecendo à contento. Hoje, não se pode compreender o ensino de forma “linear e uniforme” como outrora, pois lidamos com seres aprendentes heterogêneos, em vista disso os conteúdos não podem ser passados dentro de um processo simétrico, desprezando as individualidades cognitivas do aluno. É imperioso compreender que o espaço da sala de aula transformou-se no espaço dessas observações, obviamente se o professor pretende alcançar o maior número de alunos aprendentes. Isso exige uma mutabilidade pedagógica do professor, uma abertura para se perceber e perceber que o ensino autômato não tem mais espaço e que o aluno é um ser pensante também, portanto precisa participar, como sujeito da construção do seu conhecimento. A nossa prática pedagógica tem que atender a história de vida do aluno para se poder gerir essa sala com mais equidade. Sabemos que quanto mais conhecemos nosso aluno, melhor será a intervenção pedagógica e maior desenvoltura teremos para trabalhar o saber. Claro que isso é um processo instigante para o profissional da educação que, constantemente vai explorar sua versatilidade, sua capacidade de quebrar em certos momentos, planejamento, para atender a algo que às vezes surge naquele momento, isso faz com que a aula adquira um dinamismo, despertando no aluno uma inquietação pela formulação do conhecimento, mas para isso o professor tem que ter opções pedagógicas adquiridas em seu processo de formação. Sônia Kramer ao estudar a obra de Walter Benjamin diz que:

“ Pensar a educação requer pensar alternativas pedagógicas em que professores e alunos são incentivados a recuperar a capacidade de deixar rastros, de imprimir marcas e ser autores. Significa a possibilidade de ver em cada adulto, jovem ou criança a sua história. A escola necessita encontrar a identidade narrativa, o que requer abrir espaço (na formação e nas diversas modalidades de gestão) para as experiências dos sujeitos que fazem a prática

para que ressignifiquem a história contada e atribuam ou encontrem outros sentidos.”

Esse deixar um legado para gerações vindouras, creio, que é a forma de levar os alunos para reflexão. O que temos hoje? O que contribuímos para o que temos hoje? Será que toda essa dinâmica de vida foi construída por mim? Qual minha participação nesse processo? Claro que as respostas serão sempre evasivas, pois muito do que vivemos foram outros que lutaram, rebelaram, enfrentaram para sermos o que somos. Mas será que já estamos prontos, não precisamos fazer mais nada? Claro que não! Não estamos prontos e nem o mundo. É justamente pensando nessa construção de forma conjuntural que se deva direcionar a relação professor-aluno para a aprendizagem significativa, para sua autonomia e para que ele encontre na escola o espaço para sua “revolução”. Rubens Alves diz que na grande maioria das escolas:

“Os professores são aqueles que sabem o programa e tratam de ensiná-lo, obedecendo às ordens que vêm da burocracia. Os alunos são aqueles que não sabem e devem aprender não aquilo que querem aprender, mas aquilo que dizem que eles devem aprender. Os professores são ativos, os alunos são passivos. A grande preocupação burocrática e funcional dos professores é “dar o programa”.

Essa relação é nefasta para o aluno, pois simplesmente vai adquirir uma informação e não processar conhecimento. Além do mais, ele não vai ter a noção de aplicabilidade desses dados, pois isso será conteúdo morto, logo o cérebro muito sabiamente descartará todas essas informações, como também diz Rubens Alves.

Esse dilema entre informação e aprendizagem significativa tem gerado angústia para os professores em sala de aula. Furtado (2002) diz:

Como abrir mão de um referencial de conhecimento enquanto poder e desconstruir toda uma perspectiva de objetividade? Como deixar de ser um bom professor porque sabe o conteúdo e passar a ser um bom professor porque sabe mediar a aprendizagem? Como aprender uma postura transcultural, fenomenológica e dialógica diante do aluno? Como Conjuguar na prática o verbo interagir? Essas questões estão na base da construção do real papel do professor diante de uma aprendizagem significativa.

Ronca (1996) faz um questionamento perfeito sobre essa situação: “Se o papel do professor é dar aulas, enquanto ele dá a sua aula, o aluno faz o quê?” É por isso que o papel do professor é preponderante nesse processo de sedução do aluno ao saber. O engajamento da pessoa em qualquer direção requer o prazer e o que ele pode extrair. Sem prazer não se tem esforço, empenho, luta, envolvimento em nenhuma atividade. O papel do professor é fazer com que o saber fique recheado de sabores. Temos que provocar no aluno a necessidade da aprendizagem, pois está cada vez mais evidente que agora é impossível ingressar no mercado de trabalho sem saber localizar dados, pessoas, experiências e, principalmente, sem saber como usar a informação para resolver problemas. A educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele. Já não basta, como assim o foi por longo tempo, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É como ensina Morin: *a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão.*

Sabemos que esse desafio só é possível superar a partir do momento em que o professor tiver consciência do seu papel social, que ele é responsável pelo processo de humanização dos seus alunos e que busque de forma constante adequações de sua prática pedagógica para um melhor dinamismo em sala de aula, só assim ele provocará no aluno a ativação desse ser desejante que todos somos. Charlot não chama essa ação do professor de “motivação” ou “mediação” ou “intermediação” e sim “mobilização”, pois mobilizar tem a ver com uma mudança interna, de desejos, de busca de projetos, de expectativas do aluno em direção ao saber e nesse momento ele entenderá que o desejo é infinito, mas a ação é finita, portanto ele também precisará participar desse jogo pedagógico do aprendizado para concretização de parte dos seus desejos.

É necessário que entendamos que o aprendizado do indivíduo não pode ser isolado da humanidade. O aprendizado sócio cultural não é um fato puramente individual. Enquanto atividade humana está sempre mediada pelas relações do ser humano com a natureza, com os instrumentos com que produz sua existência e com que se relaciona socialmente.

Essa realidade mediadora é pesada e determinante nos processos de formação do conhecimento e do desenvolvimento sócio cultural de cada grupo e de cada indivíduo. Novamente fazemos mais uma indagação. Qual o melhor lugar para que isso aconteça?

A escola, é claro! Ela é uma fatia do mundo, onde é possível dar passos importantes na aprendizagem da democracia, da cidadania, do convívio e da construção do conhecimento. Mas será que de fato as nossas escolas estão preparadas para exercer esse papel a contento? Sabemos que esse é o grande desafio, pois estamos vivendo uma agitação temporal, tempos de impermanência e a escola, de todas as instituições, talvez seja a mais afetada, por isso a necessidade urgente de se buscar respostas, ou por que não construir respostas. Dentro desse cenário uma indagação se faz latente: Para que serve a educação? Numa tentativa de resposta Kress (In: GARCIA; MOREIRA, 2003, 117) explica que:

[...] o propósito da escolarização talvez seja oferecer à juventude os princípios com base nos quais os jovens possam construir o conhecimento de que necessitam à medida que se defrontam com os problemas de seu próprio mundo; construir o que os capacite a criar seu próprio mundo de acordo com seus propósitos. (op.cit, p.130-131).

Como se vê a escola é uma das instituições legitimadas para agir de forma definidora na construção e no desenvolvimento do projeto de formação humana. Instituição de caráter secular, ao longo de sua trajetória vem povoando de maneira intensa o imaginário individual e coletivo, deixando marcas, até mesmo naqueles que não a frequentaram. Esperança de dias melhores, justificativa para as frustrações, fonte de explicação para sucessos e fracassos, a escola provoca sentimentos contraditórios. Por isso a vejo como palco para práticas pedagógicas renovadas e espaço para que ocorra constante transformação na tentativa, sempre de adaptar-se às exigências de cada tempo.

Percebe-se que no atual sistema político, econômico, social, educacional, faz-se necessário que tenhamos clareza de princípios e qualificação adequada para respondermos aos grandes desafios que estes nos impõe. Para isso, precisa-se de uma proposta pedagógica, princípios educativo e práticas pedagógicas convincentes visando e possibilitando mudanças no que se refere à educação e à sociedade. Não basta que o profissional da educação tenha clareza de objetivos e princípios, é necessário que tenha também, engajamento político-social. Assim sendo, estará respondendo e desenvolvendo de modo integral sua missão educativa.

É nesse sentido que precisamos uma escola dinâmica, respondendo às feições do mundo de hoje. Dinâmica não apenas na condição das práticas escolares, o que muita gente já está fazendo, mas dinâmica, também, na abordagem do conhecimento. Há um novo conhecimento em formação que responde ao mundo de hoje. A rapidez da evolução do conhecimento faz com que a diferença de um educador e de um estudante seja a experiência de ambos. O educador viveu mais, viu, estudou e ouviu coisas, aprendeu mais – muito mais do que seu diploma diz. O estudante tem mais futuro, tem menos comprometimento com o saber congelado, é mais audaz na sua curiosidade.

Sendo assim, se pretendemos articular educação-ética-gestão de pessoas, o caminho mais fecundo será explorar, pedagogicamente, as potencialidades formadoras das próprias experiências de trabalhar e conviver, com valores, aceitando-os e reagindo a eles, que conformam toda esta trama da escola e da sua significação como instituição social, não é mesmo?